



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## HOMENAGEM A MARTINS SARMENTO.

MEIRA, João de

Ano: 1921 | Número: 31

---

### Como citar este documento:

MEIRA, João de, Homenagem a Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, 31 (3) Jul.-Set. 1921, p. 176-180.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## HOMENAGEM A MARTINS SARMENTO

---

Eu não devia, fraco de engenho e apoucado de méritos, carecido de sciência que me ajude e de talento que me recomende, ser o primeiro a assinar na homenagem que à memória de Martins Sarmiento presto hoje o «Independente»; mas ao tomar sôbre mim este encargo (que às primeiras linhas já começo a sentir pesado) não fui sondar a minha competência encarado sob qual aspecto; botei tam sômente os olhos à admiração e achando-a incomensurável, com tal diploma me apresento aqui, seguro de que ninguém legitimamente poderá disputar-me a primazia em veneração e respeito ao Grande Morto.

Todavia, apóstolo assim fervente de um Mestre Supremo há pouco falecido, nunca andei na sua intimidade; e as minhas linhas de agora não revelam particularidades de um viver que não conheci, nem perpetuam palavras saídas de lábios que ouvi uma vez, mas nunca escutei.

Vi-o apenas de relance por três vezes; e em aprendi a amá-lo, a venerá-lo e a conhecê-lo, foi só o elogio perene de seus amigos e melhor nas suas obras que a minha ignorância tem soletrado a custo.

Nesses vastos testemunhos de inegalável saber de muito amor da pátria e de muito amor do estudo transparece a serena despretenção de uma alma nobre que se dava por bem paga de trabalhosas fadigas podendo indicar uma orientação determinada ao estudo das nossas origens, à interpretação dos monumentos que nos restam e conseguindo a reivindicação da nossa procedência ligúrica sem ou com tam insignificante mistura de elementos célticos que nem valia a pena fazer neles.

São dois os seus principais trabalhos no domínio da proto-história.

O primeiro, estampado em 1880 e totalmente refundido dezasseis anos depois, é a comentação sagaz e metódica do poema de Festus Avienus no que diz respeito às costas da Europa Ocidental.

Nêle vai seguindo passo a passo a obra do poeta grego, analisando os dados que sôbre cada golfo, cada promontório, cada ilha ou rio, ela lhe fornece. Parte do principio de que o autor se guiou por um roteiro fenício de longa antiguidade e que, desconhecendo as regiões descritas, tudo transtornou com as identificações que quis fazer.

A sua vista perspicaz descobre a verdade no êrro, e a luz resalta com uma evidência que nenhum demonstrador logrou ainda ter maior.

O outro, de 1887, é a averiguação paciente do verdadeiro significado e exacta orientação da viagem dos Argonautas contada no falso Orfeu e melhor em Apolinio de Rodas.

Neste livro, onde se acumula soma enorme de observações originaes, reveladoras da mais complexa e completa erudição, prova-se que a *Argonautica* não é a versificação duma lenda puramente mítica e que a expedição de Jason não podia velejar para a Cólquida desconhecida ao tempo dos Gregos; prova-se também que o país de Aetes deve procurar-se na costa de Inglaterra, e provando-se por último que Gregos não podiam fazer proezas marítimas como as que diz o poema, no mesmo passo se demonstra que só a Fenícios pode imputar-se tam alto feito.

A deselenização da lenda dos Argonautas e a sua atribuição às aptidões marítimas da raça dos *Kenani* é assim uma das principais observações do estudo de Martins Sarmiento e um dos factos que há nela mais dignos de ponderação.

Postas estas observações numa introdução, são examinados o décimo e undécimo trabalhos de Hércules e os Errores de Ulisses, com bastas e sobejas razões considerados versões diversas da mesma lenda poetizada na *Argonautica*.

Nesta, como nos Errores, descortinava o sábio ~~extinto~~ duas viagens independentes, ligadas por um

laço artificial, correspondendo uma ao décimo trabalho de Hércules, viagem á Eritia, *non plus ultra* da navegação semítica para o norte, e a outra ao undécimo trabalho, viagem ás Hespérides, *terminus* da mesma navegação para o meio-dia.

Depois disto é que o poema de Apolónio é abordado directamente; mas os capítulos mais interessantes dos *Argonautas*, como os mais interessantes da *Ora Marítima*, são os que traçam o quadro etnográfico de toda a Europa ocidental.

Esta parte dos estudos de Martins Sarmiento diz respeito a todo o mundo ariano.

Expõe-se nela a marcha de uma migração asiática que, vindo ao longo do Danúbio até ao centro da Europa, aí se ramificou, seguindo uns o vale de Ródano, outros o vale do Reno; os primeiros penetraram na Itália, os segundos atravessando o estreito foram á Inglaterra, e descendo ao longo da costa vieram parar á Península.

Estas coisas passaram-se dezasseis séculos antes de Cristo, quando *não luziam ainda no céu todos os astros e dos Danaus apenas viviam os Arcades Apidanenses nascidos antes da Lua*, diz a *Argonautica*.

Ora quando os Gregos da *Argonautica*, isto é, quando os primeiros Fenícios se abalançaram aos mares do ocidente, foi a civilização dèsses povos ligúricos aquela que encontraram.

Ao longo do Reno e Ródano, ao longo da costa ocidental da Europa, uma série de colónias fazia o comércio do estanho, vindo de Inglaterra, onde os Albiões, ramo de ligures, o tinha descoberto.

Um grande sossêgo reinava então sôbre a terra e os Hiperbóreos podiam das tristes regiões geladas trazer as suas oferendas aos santuários de Dodona e Delos.

Mas ao tempo dos Fenícios da *Ora Marítima* sentiam-se já os primeiros rebates de um desastre que dentro em pouco (século VII a. C.) havia de aniquilar toda esta civilização do povo dos dolmens e por assim dizer fossilizá lo.

Os ligures do Báltico haviam-se acolhido ao sul de Inglaterra, destroçados.

Os celtas descidos da Escandinávia tinham-lhes in-

vadido o país, e o mêdo dos pobres ligures era tanto que, receando vê-los surgir na costa fronteira, nem ousavam descer à praia.

Felizmente para êles, o perigo de morte tinha passado na ocasião. Os homens do norte, ganhando o Reno, desciam até ao centro da Europa escravizando e trucidando as populações.

E deu-se então o desastre.

Tomadas as fontes do Reno, Róiano e Danúbio, o mundo precéltico ficou completamente desorganizado, o comércio do estanho perdido e os pios Hiperbóreos não mais trouxeram as suas oblações aos templos da Grécia.

Estas são, esboçadas muito ao de leve, as conclusões a que chegou Martins Sarmiento.

Não obstante, o sr. Teófilo Braga, em o número especial da «Revista de Guimarães» diz :

«Apontaremos como um dos seus mais gloriosos triumphos, o estudo sobre os *Argonautas*; porque n'este livro chegou a resultados confirmados por eruditos estrangeiros sem que mutuamente se conhecessem.»

Estas palavras espantaram-me, e logo, para saber quem fôsem os eruditos que assim apoiaram as investigações do nosso sábio patricio, vi as linhas subseqüentes e nelas li que era apenas Theophile Cailleux autor da *Origine celtique de la civilisation de tous les peuples de l'Europe*, onde «sustenta que a civilização é originaria das regiões atlânticas e que d'ahi se expandiu para os dois continentes.»

Então é que o meu espanto subiu à altura da estupefacção.

Origem céltica da civilização, e a obra de Sarmiento descrevendo os celtas como bárbaros que onde paravam assimilavam a civilização do país!

Civilização originaria das regiões atlânticas, e a obra de Sarmiento descrevendo, desde a Asia, a marcha do povo que para aqui a trouxe!...

Mas todo o alcance do erro de Teófilo Braga, só o compreendi quando pude saber que Cailleux coloca o berço da primitiva civilização na Batávia e a propósi-to da Iliada põe Tróia na Inglaterra.

É fazer uma idea falsíssima do que foi na sciência Martins Sarmiento, compará-lo com Cailleux, um visionário que se tinha proposto e não sei se tentou demonstrar que as terras descritas na Biblia não eram a Palestina e regiões circunvizinhas.

Ora, para que semelhante engano se não propague, para que a data (Paris 1878) indicada para o volume francês, não pareça uma insinuação, era bom que o professor lisbonense explicasse, ao mundo scientifico, não a mim, aquilo que pretendeu dizer.

\*

Bem longa vai já a caminhada, e porque estejam de há muito cansados os que lêem, e eu mesmo cansado também, remato dizendo como um dia o Camilo:  
— Que escura e triste coisa é a sciência, ó Francisco Martins!

Em Guimarães, aos 2 de Março de 1902.

JOÃO DE MEIRA.